

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## SÁTIRAS POLÍTICAS DE SEISCENTOS. III.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1951 | Número: 61

---

### Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Sátiras políticas de seiscentos. III. *Revista de Guimarães*, 61 (3-4) Jul.-Dez. 1951, p. 426-454.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Sátiras Políticas de Seiscentos

## III

POR EDUARDO D'ALMEIDA

---

### Motes aos Fidalgos de Portugal, q. havião de entrar em hũas festas feitas a elRey de Castella d. Phelippe 3.º

Determinada a Camara de Lx.<sup>a</sup> a festejar aos Reis de Castella, q. dizião vir a ella a instancia dos Ministros do ditto Tribunal, ou por bem publico, ou por respeitos particulares, tomando elles nesta empresa por padrinho ao Marques de CastelRodrigo, q. sempre foi amigo deste Reyno, e fauorecedor de engenhos suttis, como Manoel de Vasconcellos no tempo presente Presidente da Camara, e Ayres de saldanha no passado vicerey da India, depois de assentarem, q. a principal festa, q. a Cidade haviã de fazer serião canas, etorneyos, ordenou a Camara de Lx.<sup>a</sup> chamar Poetas de Engenho, q. compusesem os motes p.<sup>a</sup> as pessoas notaveis, q. sem duvida entrarião nas dittas encamisadas, o que tudo se fez, e acomodou tanto a proposito, que nem Adão no Paraiso terreal pos aos animaes os nomes tão conformes a sua natureza. E depois de compostos os celebrados motes os leuou o Draque Procurador da Cidade da p.<sup>te</sup> della sua senhora a cada hũ dos caualgantes, começando pellos titolos, e Ministros.

Duque de Bragança.

na bandeira.

Real sangue, mas pensam.tos  
de escudeiro de Arrayolos.

## Duque de Aueiro.

Eu sou enterrado viuo,  
E não ajunto dinheiro  
porq. tiue alabardeiros  
na bandeira.  
De estudante fui a Duque,  
e com hũ pobre cartapacio  
somente entrei em Palacio.

Marques de V.<sup>a</sup> Real.

De meu Real sangue uem  
ter com os Mouros repiques:  
benção foi de A.<sup>o</sup> Henriques.

## Conde do Sabugal.

Adonde acharemos donde  
o bom zelo deste Conde.

## Conde do Redondo

Eu, e meu f.<sup>o</sup> Francisco  
nos entendemos mũy bem,  
mas a nos ambos ninguem.

## Conde da Vidigueira.

O humor de mentiroso  
me causou o ser gotoso.

## Conde da Atougua

Entro aqui por rabeiar,  
E nisto bem me desgauo  
pois quem rabeia tem rabo.

Conde de V.<sup>a</sup> Noua

Navego por outros rumos,  
São conhecidos meus fumos.

## Conde da Calheta.

Sou comprido, sou sesudo,  
Sofrese hũ paruo mudo.

Conde de S.<sup>ta</sup> Cruz.

Caibo em pequeno lugar  
mas por sesudo, e graue  
grande lugar em mim cabe.

200  
Duque de Bragança.  
Na Bandeira  
Real senque, mas pensam<sup>to</sup>  
de cludeiro de Arago e los.

Duque de Aveiro.  
Eu sou entendido vicio,  
e não apeto dinheiros  
porq' tive alabardeiros.  
Na Bandeira  
de Alentejo fui a Duque.  
E com hã gotre lantagais  
simonete entrei na Talauo.

Marques de V. Real.  
De meu Real senque nem  
ser com os meus roques  
benião foi de H. Henrique.

Conde de Sabugal.  
Aonde acharemos donde  
o bom zelo de um Conde.

Conde de Redondo.  
Eu o meu foi Francisco  
nos entendemos muy bem  
mas a nos ambos ninguém.

Cópia fotográfica dos primeiros Motes, no manuscrito

Conde do Vimioso.

fiz paruoices subidas  
com estas barbas compridas.

Conde de Monsanto.

O fogo entre os elementos  
he o q. he mais leuantado :  
quem fogo tem misturado  
tenha altos pensamentos.

Conde de Mira.

Eu sou o Conde de Mira,  
porem se menos mirara  
por mais ditoso me achara.

Conde de Tarouca.

Eu sou ramo de Menezes,  
que a Portugal illustrarão :  
não souberão, mas guerrearão.

Conde de Basto.

Pellas mudanças de estados  
se vem homens melhorados.

Conde de Portalegre.

Não sei de mim o q. diga  
pois, q. nesta occasião  
não vi fr. Sebastião.

na bandeira.

Amigo sou de iustiça,  
m.to mais da misericordia :  
com ninguem quero concordia.

Conde de Linhares.

Por ser paruo, e por ser louco  
ainda a fortuna deu pouco.

Conde da Castanheira.

Sou Conde, mas albardado,  
e a albarda anda em Morgado.

Conde de V.<sup>a</sup> franca.

Titulo sou Villa franca,  
porem não sou Conde franco,  
neste peccado sou manco.

## Conde de Tentugal.

Eu Conde sou de Tentugal,  
sou homem de bom intento,  
mas o meu entendim.to  
he de hum Arraes de Setubal.

## Conde da Atalaya

Conde fui Prouedor,  
outros forão prouedores,  
mas eu dos mais sensabores.

## Conde de Lumiars.

Não me deu meu pay amigos,  
deu me renda, prata, e ouro,  
sendo o outro maior tesouro.

## Bisconde

M.to tomara ser Conde,  
e d. B.ar de Teue  
pode ser que anos o leue.

## Comendador mór.

Si assi fuera todo el nescio  
fuera el nescio, de gran precio.

## Contador mor.

So p.<sup>a</sup> mi m.to conto,  
e inda mais contara  
se o Sabugal me deixara.  
na bandeira.

M.to monta ter amigos,  
que se estes não tiuera  
já resistir não pudera.

## Monteiro mór.

Sou a mesma boniteza  
segundo de mi presumo,  
tudo ayre, tudo fumo.  
na bandeira.

Viua minha gentileza,  
e viua o meu tribunal;  
eu uiua, e Fernam Cabral.

## Presidente do Paço.

Fallo pouco, mas sou certo,  
não me fez Deos mais esperto.

Presidente da Camara

Pouco importa ter talento  
q.do a sorte o favorece,  
pois quem tem menos merece.

D. Luiz de Lancastro.

Sou franco, e sou cobarde,  
e ainda tenho peyor,  
que a todos sou tredor.  
na bandeira.  
Aparado como nabo,  
besta, mas besta sem rabo.

Marichal.

Sou Coutinho Marichal  
iogo bem de mangoal.

Barão.

Sou estremado varão:  
sou burrinho de verão.

D. Geronimo Cout.º

P.ª tudo fui nascido,  
pois em mi me cabe tudo:  
sou arrogante, e sesudo.

D. Nuno Mascarenhas.

Não quero trazer abanos,  
nem menos ver castelhanos.

Capitão da Guarda.

Sou louro, corado, e fresco  
e serrado como tudesco.

D. Felipe Lobo.

Terrível negoecedor,  
enfadonho, e sem sabor.

D. Geronimo Bacalhao.

com tres silabas som.te  
faço rir a toda a gente.

Frc.º Correa.

Quem sobre pipas se escancha,  
e de parras faz capellas  
me ajudou a ganhar Bellas.

G.<sup>lo</sup> Pires de Caru.<sup>o</sup>

Carualho não em deserto,  
mas carualho em pousado,  
redondo, e bem folhado.

Castilho Louro.

Natura me deu ser louro,  
e meu tio dobrões de ouro.  
na bandeira.  
O Castilho q. aqui anda  
ficou assi branco do pó,  
das pedras de seu auó.

D. Luiz da Sylueira.

Encerrase neste couro  
o sangue, e a alma de hũ mouro.

D. G.<sup>co</sup> Coutinho.

Nunca deu o patrio Teio  
outro engenho semelhante,  
segundo cuida o Galante.

D. M.<sup>el</sup> Coutinho.

Deos de Amor, e da fortuna  
contra mi fizeram liga:  
cruel elle, ella inimiga.

D. Henrique Portugal.

A 2.<sup>a</sup> filha minha,  
q. eu com o Conde vi casada  
me dá o trigo, e' ceuada  
q. eu bem pouca de mim tinha.

D. João Luiz.

Sou bom fidalgo,  
e no mais  
como os outros animais.

Frc.<sup>o</sup> de Sousa Mancias.

No campo estou em meu centro,  
na Corte não estou seguro,  
sou hũ fogo de monturo  
que me destruo por dentro.



D. Esteuão de Faro.

O Lacerda, e o Loureiro  
me seruem de meu roteiro,  
Olhay quam bem me gouerno,  
pois são ministros do inferno.

Antoni Pr.<sup>a</sup>

Deu me fortuna o que tinha,  
não sei o q. em mim achou,  
que eu paruo escudeiro sou.  
na bandeira.  
Lumiar, e Montemor  
me deu humildes parentes,  
la me nascerão os dentes,  
e esta lingua sem sabor.

F.º do Presidente da Camara.

De ma aruore mao fruto,  
de hũ bruto outro bruto.

D. Diogo de Castro.

Eu sou fidalgo mór,  
d. Diogo regedor.

D. Luiz Pr.<sup>a</sup>

Nem coche, nem alcorcoua  
p.<sup>a</sup> ser ministro basta,  
triste de quem tempo gasta.

D. Frc.º de Almeida.

Certo q. he cousa medonha  
não ter hũ velho vergonha.

D. Fernam Miz Montemor.

Debaixo de ceremonias  
se encerra a parvoice,  
paruo desde meninice.

Cristouão Soares Secretario.

Nas aguas nasci do Minho,  
mas mais me derão as do Teio ;  
pois com bens, e honras me veio ;

D. Diogo Carcome.

\* Viua o meu contador,  
que a custa dos requerentes  
me dá q. comão os dentes.

D. P.<sup>o</sup> de Castelbranco.

P.<sup>a</sup> o inferno se cria  
esta ma alma, q. tenho,  
so esse he o meu desenho.

D. João de Castro Presidente q. foi.

Romanos, e Atenienses  
tambem forão desterrados  
mas como eu nunca culpados.

João Furtado.

Paruo como seu irmão,  
mas não tão grão capitão.

Alcaide Mor de Abrantes.

Querem aqui dizer bargantes  
que sou asno mor de Abrantes.

Luis da Cunha.

Tamanho como belota  
encho hũa casa ate porta.

G.<sup>ar</sup> de Sousa.

Não me farão já ministro?  
Não acabarão comigo?  
Maduro são como figo.

Aposentador Mór.

Parelhas correm em mim  
ambas com grande furor,  
ser paruo e sem sabor.

Reposteiro mór.

Porq. sou pequeno  
sou reposteiro,  
e a ser maior  
ser pano dearmar era melhor.

D. Alvaro da Sylueira de Euora.

Viua o Portugues Camões,  
pois me deu pão, e calções.

Vasco frz. Cezar.

Sou Cezar, mas mil Pompeyos  
me espanção, e injurião:  
tenha eu, elles se rião.

D. G.<sup>lo</sup> da Costa.

No que traz, e no q. diz  
Cavalleiro de Amadiz.

De P.<sup>o</sup> de Alcaçoua.

Sou estremado basbaque,  
e não tenho só este achaque.

Nuno Garcia de Noronha.

Não faço liuros, nem trouas,  
mas costume a dar nouas.

D. An.<sup>to</sup> de Mello de Euora.

A fortuna fauorece  
aos nescios como eu,  
por isso seus bens me deu,  
e não a quem os merece.

D. João Soares,

Se os ares são sottis,  
eu sou sottil com os ares,  
vento, e por isso soares.

D. B.<sup>ar</sup> de Teiue.

Teue Portugal trabalhos  
Teiue Portugal governa,  
q. tem fogo, e alenterna,  
na bandeira.  
com estas barbas de açafão  
adubo m.<sup>tos</sup> guisados,  
trago os homens encantados.

D. Lopo de Almeida.

A deosa Venus, e iupiter  
me puserão neste estado,  
doente, e deshonorado.

D. Luiz Cout.<sup>o</sup> Almourol.

Eu as estrellas penetro,  
e o que tenho de mal, ou bem  
não o penetra ninguem.

D. An.<sup>to</sup> Pr.<sup>a</sup> Santarem.

Bom pay tiue graue, e nobre,  
pereço Africano pobre.

João de Saldanha Camarão.

Ministros me comunicão  
seus pensam.tos e votos:  
dão mos sãos, eu doulhos rotos.

P.º de Alçaoua

P.ª fazermos trancinhas  
que mãosinhas são as minhas.

P.º de Mendoça St.ª clara.

Sou vellocino de Alcorça  
e paruo como Mendoça.

João de Mendoça Cação.

Não sou carne, nem peixe,  
canastra, ou almofreixe.

João Gomes da Sylua.

Que bojo p.ª ministro!  
Mas onde ha hi outro fado  
se uiue desesperado.

Christouão de Almada.

Ó demo quanta rassa  
Ó demo quanto trapassa;  
a lingua he testemunha  
do que a minha mão empunha.

D. Frc.º Mascarenhas.

Fui p.ª desafrontar  
quem não estaua afrontado,  
fui por lam, vim tosquiado.

D. luiz de Faro

Eu sou m.º sem sabor,  
e ainda outro mal trago,  
que se jogo nunca pago.

D. Lourenço de Castelbranco.

Tardo, e não arrecado,  
porq. sou mao namorado.

Geronimo de Mello.

Em q. não queira sou melo,  
mas muy pouco cortêsão,  
por que pareço rascão  
a modo de mininello.

## Breve anotação e novos documentos

«Pelo menos desde o princípio de 1609, tratava-se de conseguir que Filipe III viesse a Portugal. Neste negócio se empenhava principalmente a Câmara Municipal de Lisboa, alimentando a esperança de que El-Rei, vendo tantas e tão urgentes necessidades que padecia o reino, acudisse a elas com o remédio necessário. Assim pensavam muitas pessoas, que parecia quererem atenuar o mal comum com uma esperança vá». (*Fortunato de Almeida* — «História de Portugal», tomo IV, pág. 871).

Retorquiu-se ao desejo com a míngua de recursos: se tanto assim o queriam, arranjassem 370.000 cruzados para ajuda do custo da viagem. As câmaras estontearam: a miséria esgazeada, a fome já atrôfica, as más anezas, a fuga desarvorada dos imigrantes, e... aquela dor tão funda a roer na alma de um Bem e de um Nome perdidos. Lá se ajeitou o pecúlio do oneroso contributo, que era mais outro novo e ridículo vexame (afinal bem significativo da pelintrice daquela postiça e efémera grandeza Imperial). Mas adiam-na sempre ano e mais ano. Dizem que a instâncias do Duque de Uzeda, que substituíra o de Herma, seu pai, em influência junto do Monarca, e na intenção de em Côrtes fazer jurar seu filho herdeiro da coroa, decidiu-se. Em 1611, para quando, primeiro, se fixara, taxara-se o preço e conseguira-se arrecadá-lo. «Com a viagem não se gastou só o produto de derrama, anteriormente lançada sobre o reino e que a Câmara de Lisboa guardara no seu cofre. A capital contribuiu com 240.000 cruzados; o resto do País com 270.000». (*Damião Peres* — «História de Portugal», vol. V, pág. 266; *Rebello da Silva* — «História de Portugal», III, cap. 3.º).

Saiu Filipe III de Madrid a Badajoz e de Badajoz a Elvas, onde chegou à noite de 9 de Maio: como aposentadoria, o Mosteiro de S. Domingos; a 12, também já noite, chega a Extremoz; daqui, dia 14, sai para Évora, «que regalou Sua Magestade Católica e SS. AA., com um vistoso auto de fé,

onde figuraram 120 penitenciados (84 homens e 36 mulheres) sendo 12 destes infelizes (4 homens e 8 mulheres), relaxados em carne, isto é queimados em vida. Celebrou-se este grandioso espectáculo, mui cristãmente, no Domingo, dia de Páscoa do Espírito Santo, a 19 de Maio, para solenizar a chegada do poderoso soberano das Espanhas e das Índias». À noite, ofereceu a Câmara uma grande colação de doces. (*Eduardo Freire de Oliveira — Elementos para a História do Município de Lisboa*, 1.<sup>a</sup> Parte, tomo II, nota de páginas 460 e 468). Desta nota de viva curiosidade e séria documentação, estamos a trasladar e resumir o essencial. Ali, na Universidade de Évora, assistiu a uma defesa de teses, sustentada por D. Rodrigo de Melo, Marquês de Ferreira, e depois ouviu no Colégio dos Jesuítas a representação de uma dessas trágico-comédias, mortalmente enfadonhas, carregadas de secas alegorias, com que os Jesuítas pretendiam regenerar o teatro tão impiamente inaugurado por Gil Vicente. O espectáculo do abatimento de Portugal era completo em Évora: «o descendente do rei vencido em Aljubarrota assistia triunfante e soberano em Portugal à batalha dialéctica pueril de uma defesa de teses, intentada por um descendente de Nuno Álvares Pereira.» (*Pinheiro Chagas — História de Portugal*, ed. popular-ilustrada, vol. VII, pág. 2121). A 20 sai de Évora para ir dormir a Montemor, donde parte a 24 para a Landeira, 25 em Cuba, e chega a Almada a 26. A 5 de Junho passa para o Mosteiro de Belém. Aqui demora-se estranhamente: que estava à espera de que rematassem as ornamentações: «mas à boca pequena dizia-se — e estes boatos comunicou à sua Corte o Embaixador Francês, *de Grenelle*, que vinha na comitiva régia — que o rei aguardava a chegada de treze galés de Espanha, pois queria estar bem guardado.» (*Damião Peres*, ob. cit.).

Finalmente, em 29 de Junho, desembarca na ponte, para esse efeito construída no Terreiro do Paço, em Lisboa. Um assombro dominguelho de ornamentações, de galés, de solenidades e festejos. Os nobres remordiam-se: fora-lhes vedado «trazer bordados ou recamados de ouro ou prata nos vesti-

dos, assim de corte como de caminho, sob pena que as pessoas que se cobrirem diante de Sua Magestade, serão condenadas em mil cruzados». Sempre a vexatória e deprimente subalternização, na tartufesca pelintreira de fingida humildade — humilhante! Mas nem por isso se amortalharam de nojo ou luto... De joelhos, com garnacha de cetim negro aprensado, guarnecida de passamanarias de oiro e prata, forrada com telas de prata, nas cores branco e preto da cidade, calças de obra com forros de tela, e da mesma o jubão, roupeta de cetim preto, com botões de diamantes, o Presidente da Câmara entrega-lhe as chaves da cidade. Montou a cavalo, e, depois do beijamão, desfila o processional cortejo. O cais estava juncado de ervas e flores cheirosas, como na procissão de *Corpus*. Abriam o acompanhamento os dois Procuradores da Cidade, e seguiam muitas danças das regateiras, «mui bem vestidas de seda com muitas cadeas de ouro e joias», e nas mãos arcos de flores e frutas de cera (funambulesca e palhácica mascarada). Os arcos eram monumentos. Havia, primeiro, o dos homens de negócio, de quatro fachadas, com varandas de madeira torneadas, pedestais, colunas, hastes e estátuas, quadros, alegorias, dedicatórias (e aqui Filipe desceu do cavalo e seguiu debaixo do pátio) e, a poucos passos, o dos mercadores alemães. Nas portas da Ribeira, em lugar dos dois arcos estreitos, demolidos pela Câmara, ergueram os Ingleses um outro, de 137 palmos de altura por 50 de largura, com a estátua da figura de Lisboa, de um lado, mais as de D. Afonso Henriques, D. Sancho e alguns Cavaleiros Portugueses; e do outro, de Guilherme de Longa Espada e mais cruzados da conquista de Lisboa: no alto, S. Jorge, com a lança, a vencer o dragão; depois — no Pelourinho Velho, às entradas das ruas D. Gileanes, das Carniçarias Velhas, no topo da Padaria, na Porta do Forno, na rua Nova... — os dos oficiais das Bandeiras de S. Jorge e de S. Miguel, os de corrieiros, atafoneiros, sapateiros e outros officios embandeirados; o dos pintores, em S. Gião — com as estátuas da Geometria e da Perspectiva; o dos Flamengos... O cortejo desfilara. Acenderam-se de noite as luminárias;

houve grandes invenções de fogo. Na de 1 de Julho, safu « mui luzida máscara ». Os da Companhia de Jesus, deram, em Santo Antão, uma Trági-comédia (e era-o, na verdade, tudo aquilo...), do *Padre António de Sousa — D. Manuel, Conquistador do Oriente*. Filipe III entreteve-se a ver as padeiras e colarejas bailarem ao som dos adufos; ouvira, até eles enrouquecerem, os laudates de *Quevedo* e *Rodrigues Lobo*, e mais versalhada; demorou-se por conventos de frades e de freiras e, generosamente, deu aos pobres vinte mil cruzados... do dinheiro que nos levava pela gentileza da visita.

A ela se referem mais os seguintes documentos, que extraio do meu precioso caderno:  
Pessoas, q. acompanharão a elRey d. Phelippe 3º qdº ueo a Portugal no anno de 1619.

#### Com elRey.

- O Duque de Vzeda fº do Duque de Lerma.
- O Duque de Cea neto do Duque de Lerma.
- O Conde de Medelhim, fazia officio de Mordomo mor.
- O Duque de Pastrana.
- O Marques de Pouar capitão da Guarda.
- O Marques de Fois capitão dos Archeiros.
- O Marques de Velada.
- O Marques de Malpica.
- O Marques de Almaßen.
- O Marques da Hinojosa.
- D. Diogo de Zunhiga mordomo mor.

#### Com o Principe.

- O Mestre de S. A.
- d. Baltezar de Zunhiga seu Ayo.
- O Conde de Saldanha fº do Duque de Lerma, genro do Duque do Infantado.
- O Conde de Lumiares.
- O Conde de S.º esteuão
- O Conde de Oliuares.
- d. Diogo de Menses mordomo mor.
- O Conde de Castrilho.
- 14. Caualheros de la boca.
- O Patriarca de Indias Capellão mor.
- 50 pessoas da capella.
- 100 Archeiros.
- 200 da Guarda espanhola, e Alemana.



## Com a Princesa.

## Dueñas de honor.

- d. M<sup>a</sup> de Benauides.
- d. Margarita de Cordoua.

## Damas.

- Madama Capella francesa.
- Madama Heli francesa.
- d. Isabel de la Cueva.
- d. M<sup>a</sup> de Cardenas.
- d. M<sup>a</sup> de Tauora.
- hũa Açafata, 4 da Camara, 2 del retrete. As criadas destas senhoras 50.

## Com a Infanta.

- d. M<sup>a</sup> Henriques.
- d. Margarita de Tauora.
- d. Eluira de Gusmam.
- d. Joanna de Mendocha.
- d. Isabel de Aragão.
- d. Marianna Henriques menina.
- hũa Açafata, 2 da Camara, hũa do retrete.

## Jornadas q. elRey fez de Madrid ate Lixboa.

- de Madrid a Mostenes.
- a Casarubios.
- a Anouês.
- a St<sup>a</sup> Olaya.
- Al Brauo.
- a Talauera.
- a Oropesa.
- a Almaras.
- a Trusilho.
- a Mayados.
- a Medelhim.
- a Talaverola.
- a Badajos.
- a Eluas acomer a las ventas de Alcauanica.
- a estremos.
- a la venta de los Bruceros.
- a euora.
- a Montemor o nouo.
- as vendas nouas.
- a Pegões.
- a Landeira.
- a Coina.
- a Almada.
- a Belem.
- a Lixboa.

Pratica, que lhe fez o d. Bertolameu Cacula Conego da Sé d'Eluas na porta de Oliuença da mesma cidade sabbado 11. de Mayo de 1619:

Mt<sup>o</sup> alto e mt<sup>o</sup> poderoso Monarcha, legitimo rey, e natural sôr nosso.

A nobreza, e pouo desta vossa cidade pr.<sup>a</sup> na venturosa sorte desta pr.<sup>a</sup> entrada, todos como mt<sup>o</sup> leaes, e mt<sup>o</sup> ledas vontades desejamos manifestar a V. Mag.<sup>de</sup> os aluoroços na esperança, as alegrias na presença do grande bem desta vinda, e vista tão desejada, e ousamos tambem dizer merecida, de que todos huns aos outros nos damos mil parabens.

Estes prazeres com estes aluoroços tão geraes se acompanhão de hũ grande desejo de render graças iguaes a fauor tão singular, como he a Real presença do aspeito de V. Mag.<sup>de</sup> igualm.<sup>te</sup> benigno, e venerando, q. pellos olhos de todos em todos esta influindo alegres esperanças das ms., das liberdades, dos priuilegios, das honras auantajadas, que como de sua propria fonte brotão da Real Magnificencia herdada do sangue Austriaco do grande Mestre de Reynar o Magnificentissimo Sôr o Sôr d. Phelippe vosso pay, q. deos tem, q. hora vay em 40. annos ennobreceo esta mesma entrada, e illustrou com o resplendor de sua amantissima presença esta cidade, este reyno de Portugal, altissima perola, q. com tanto gosto seu, e tanta gloria nossa engastou, e deixou engastada por remate na coroa, e Monarchia espanhola.

O Rey dos reis, q. estabelece os estados, prospera os Reynos, perpetua os imperios, perpetue, prospere, e estabeleça os estados, os reynos do imperio de V. Mag.<sup>de</sup> com perpetua successão de Princepes, e infantes, e Reis, com plena felicidade de successos venturosos por mar, e terra de ambos os orbes, te render e sogeitar os ceptros imigos ao ceptro espanhol sempre Augusto, q. V. Mag.<sup>de</sup> goze com grandes prazeres na felicidade de S. A. q. nosso Sôr gd.<sup>e</sup> a todos Amen.

Resposta delRey.

yo os agradesso mucho todo lo q. me haueis dicho en nombre desta ciudad, y Reyno. yo os lleuaré. en memoria p<sup>a</sup> todo lo que se offresiere.

Pratica, q. lhe fez o Juiz de fora de estremós ;

M.<sup>to</sup> alto e m.<sup>to</sup> poderoso catholico Rey, e Sôr nosso. Alegrese Portugal com todos os reynos unidos a esta coroa, particularm.<sup>te</sup> se alegre esta notauel villa de estremós com esta m. q. Deos lhe faz na boa vinda e visita de V. sacra Mag.<sup>de</sup> a este seu Reyno, a qual todos conhecemos por milagrosa, e bem se deixa conhecer em ser tão repentina, e de tanto tempo esperada, por serem assi todas as cousas q. Deos obra por milagre ; pello qual vemos hoje cumprida aquella promessa q. Deos fez a este Reyno delle amado, qd<sup>o</sup> ao seu pr<sup>o</sup> e st<sup>o</sup> Rey lhe disse q. poria os olhos nelle atenuado, e o restauraria na decima sexta geração. V. Mag.<sup>de</sup>, Augustissimo Monarca, fazendo boa computação, he o prometido, e esperamos não só uer este reyno restaurado, mas mt<sup>o</sup> dilatado. Não conhecemos nos por menor milagre a eleição q. V. Mag.<sup>de</sup> fez do caminho p<sup>a</sup> esta sua villa rica com o mais real, e puro coração, q. o ceo goza, o da Rainha St<sup>a</sup> isabel verdadeira ascendente de V. Mag.<sup>de</sup>. E se o ceo goza o melhor della que he a alma,

com outro posto, q. não st<sup>o</sup> festejamos todos a V. Mag.<sup>de</sup> tão aparelhados a por a vida como esperamos ms.. Nesta Real benignidade dante mão recebemos a maior, com a real presença do Principe nosso Sôr, q. Deos nos gd.<sup>e</sup> com felicissima geração, e acrescentam.<sup>tos</sup> de nouos Reynos, que temos por sem duuida, por estarem com tantos prodigios no seu nascim<sup>to</sup> prometidos, com o qual esperamos uer postrados a esses reais pes todos os da conquista destes Reynos de V. Magd.<sup>e</sup>, q. Deos nos guarde por larguissimos annos.

Pratica, q. lhe fez o juiz de fora da Cidade de Euora :

Sacra, catholica, e Real Magd.<sup>e</sup>. Se assi como apresentamos as chaues desta cidade a V. Mag.<sup>de</sup> nos fora possivel manifestar o zello com q. as offerecemos, e o contentam<sup>to</sup>, q. temos todos os moradores della em ver cousa tão desejada, como he a

Real presença de V. Mag.<sup>de</sup> dentro nestes muros, vira V. Mag.<sup>de</sup> nesta cidade segunda do Reyno, q. assi como entre todos os Reynos de sua incomparavel coroa de nenhum delles he mais amado, q. de Portugal, q. nesse amor não fica a Euora em pr<sup>o</sup> lugar nenhum de todos os pouos delle. O mesmo seaira na lealdade de nossos animos, q. he a verdadeira chauce dos pouos, se se pudera fazer patente com as chaues; e posto q. a lealdade he, e sempre foi particular costume, ou natureza dos Portugueses p<sup>a</sup> com seus Reys, dos quaes V. Mag.<sup>de</sup> erdou tantos Reynos com ella ganhados, e conseruados, e a ella juntam.<sup>te</sup>, com tudo esta he a Cidade escolhida em todo este occidente de cuja fé fiou Sertorio sua pessoa contra o imperio Romano, e com a mesma seruiu sempre a seus Reis passados de gloriosa memoria, dos quais sendo muy frequentada a remunerarão com lhe fazerem m. de nos tratar mais como a filhos, q. como a subditos, e esperamos de alcançar de V. Mag.<sup>de</sup> esta m. de querer ser seruido de se parecer com elles nesta vontade p<sup>a</sup> connosco, confirmandonos nestas liberdades, e priuilegios, de q. não podemos duuidar, pois estão fundadas nossas esperanças na benignidade do mais benigno e poderoso Rey do Mundo, donde procede teremos por certo, q. esta boa vinda de V. Magd.<sup>e</sup> a estes seus Reynos seja p<sup>a</sup> grande acrescentam.<sup>to</sup> do bem comum delles, p<sup>a</sup> q. o seja tambem da gloria do amplíssimo nome de V. Mag.<sup>de</sup>, q. viua largos, e felices annos.

Pratica, q. lhe fez em Montemor o Nouo o juiz de fora Ant<sup>o</sup> Barreto de Albergaria:

Mt<sup>o</sup> alto, catholico, e poderoso Rey, e Sôr. He tão grande a luz, e resplendor, que a presença de V. sacra, e Real Magd.<sup>e</sup> causa em todo este seu Reyno, e pouo, que a todos nos cega os entendim.<sup>tos</sup>, e faz emmudecer as linguas com que ouueramos de render as devidas graças a V. Magd.<sup>e</sup> por querer por os olhos neste seu Reyno, e como nosso legitimo, verdadeiro, e natural Rey, e Sôr confortar o paternal amor, e cortar por todos os inconvenientes p<sup>a</sup> esta gloriosa jornada, q. de todas as p.<sup>tes</sup> se puzerão, e por cima de todos honrar e alegrar este

seu Reyno, e pouo e pouos delle com sua Real presença e benignidade. Se todo este Reyno, e pouo de Monte mor pudera manifestar a V. Magd.<sup>e</sup> seus corações nelles se virão os jubilos de extraordinaria alegria, e leal vontade, q. todos tem de receber a V. Magd.<sup>e</sup> mais propriam<sup>te</sup> em suas almas, q. em suas casas, mas bastão os olhos, os rostos, o aluoroço, q. todos mostram p<sup>a</sup> se V. Magd.<sup>e</sup> confirmar na opinião, q. por nos fazer m. tem destes seus Portugueses, cuja lealdade espero q. V. Mag.<sup>de</sup> experimente em todas as ocasiões, em q. delles se seruir, q. permita a V. Magd.<sup>de</sup> seja por muy largos annos p<sup>a</sup> bem, e amparo nosso, e de toda a Christandade.

Pratica, q. lhe fez o D. Ignácio Fer<sup>a</sup> Deputado da mesa da Conciencia na Cidade de Lx<sup>a</sup> no arco do Pelourinho em 29. de iunho de 1619:

Na larga ausencia de V. Magd.<sup>e</sup> /mt<sup>o</sup> alto, poderoso e clementissimo Rey Sôr nosso/se pudera dizer por esta nobre, e leal cidade o q. por Gerusalem no tempo de seus trabalhos, cidade tão populosa, senhora das gentes, princesa das Prouíncias, como está desamparada feita quasi viuua. Porem agora com esta alegre vista de V. Magd.<sup>e</sup>, e dos Príncipes senhores nossos he tão grande o contentam.<sup>to</sup> destes vassallos, q. nem se pode declarar com palavras, nem representar com festas interiores, e so podemos dizer que esta geral alegria se iguala com a rezão, que todos temos de festejar na alma a grande m. q. V. Magd.<sup>e</sup> nos faz em vir com sua Real presença honrar este seu Reyno, de q. Deos o fez Sôr, entregando-lhe o gouerno desta coroa, com a qual ficou este soberano imperio escurecendo os que os Assirios, Persas, Gregos, e Romanos conquistarão tiranicam.<sup>te</sup>, pois he tanto maior o nouo Mundo, q. depois delles se descobrio de hũ e outro polo, q. V. Magd.<sup>e</sup>, e seus predecessores tem conquistado com zelo da propagação da fé de X.<sup>to</sup>, e assi ha elle de permitir, q. esta grande monarchia edificada sobre columnas da fé catholica, e iustiça com q. V. Magd.<sup>e</sup> a possui, e gouerna, logre V. Magd.<sup>e</sup> por m.<sup>tos</sup> e felices annos, e depois seus descendentes p<sup>a</sup> sempre, e que esta entrada seja

tão prospera, e temida dos inimigos, como era desejada de nos, e necessaria p<sup>a</sup> toda Espanha. Digo Sôr p<sup>a</sup> toda Espanha, porq. seu amparo e augmento consiste em V. Magd.<sup>e</sup> fazer cabeça deste imperio esta antiga, e illustre cidade mais digna delle, q. todas as do mundo, assistindo aqui sua real corte, pois he o coração e meyo de todos seus estados, donde se poderá com a mor facilidade acodir a todas as p.<sup>tes</sup> sem se perder occasião.

Seja pois V. Magd.<sup>e</sup> mt<sup>o</sup> bem vindo, e os Princeses nossos Senhores, p<sup>a</sup> daqui exercitar sua fortaleza, e liberalidade, a temperança, a mansidão, e a paternal afabilidade, de q. Deos o dotou, tendo sempre diante dos olhos esta preciosa ioya. As chaues entregamos agora a V. Magd.<sup>e</sup>, os corações a 21. annos. sempre V. Magd.<sup>e</sup> os achará muy leaes e animosos em seu seruiço. Elles são a pr<sup>a</sup> porta por onde V. Magd.<sup>e</sup> ia tem entrado. O amor he o verdadeiro muro e fortaleza desta cidade. Entre V. Magd.<sup>e</sup> nesta cidade q. ia neste dia parece senhora do Mundo, e permitirá Deos, que seia esta hora tambem afortunada q. possa V. Magd.<sup>e</sup> daqui domar todas as barbaras nações, e igualar seu poder com o querer, p<sup>a</sup> tambem com sua liberalissima condição enriquecer com grandes ms. a todos seus vassallos, e nos viua m.<sup>tos</sup>, e prosperos annos.

Na veia satírica dos *Motes aos Fidalgos de Portugal* corria sangue de boa tradição portuguesa. Aquele mofar destemido, por vezes irreverente e sarcástico exsua lágrimas bem amargas, imprimindo ao sorriso da máscara os vincos do esgar, e arfam na da cortezaniam incontidas ânsias. Ao nosso modo antigo, em que muito se inspirou *Gil Vicente*. Abafada no mais comum sentimento lírico e romântico, pouco esclarecida e fundadamente havidos, e exagerados à deturpação mórbida, como as predominantes características do nosso carácter—a nossa graça, o bom riso forte e generoso, mesmo o tonitruar da gargalhada épica dos nossos esforçados Lidadores, Guerreiros e Navegantes, nos intervalos e repousos das aventuras e das campanhas e dos temerosos riscos, ou nos

deleites dos saraus e cortes de amor, a malícia zombeteira e calma do nosso povo artífice e lavrador, pelas feiras e romarias ou nos dos cantos namorados e nos curiosos serões, a nossa sátira, (e cumpre louvar aqui o trabalho-ensaio do ilustre catedrático da Universidade de Salamanca, *Francisco Elias Tejada Spinola — A Sátira Política em Portugal durante o Século xv*, na colecção Cultura Política) com tanta ou mais personalidade que as duas outras feições, não mereceu ainda, e era-lhe devida, a cuidada atenção dos investigadores e historiadores da vida literária nacional, sem embargo, e devido relevo, de fragmentárias e dispersas menções nos melhores tratados.

Que estavam os motes na boa tradição facilmente, e sem mais alardo, o mostra só o relembrar certos passos das *Cantigas d'Amigo e Sirventenses*, como, e sobretudo, das *Cantigas d'escárneo e maldizer*. Até mesmo no *Cancioneiro da Ajuda* <sup>(1)</sup>. Magníficas sátiras são, ilustrações históricas da vida, homens e costumes do tempo, por ex. no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, os *Arrenegos de Gregório Afonso*, criado do Bispo de Évora:

Arrenego de ti, Mafoma,  
e de quantos crêem em ti.  
Arrenego de quem toma  
o alheio pera si.  
Renego de quantos vi  
de quem foram esquecidos.  
Arrenego dos perdidos  
por cousas não mui honestas.  
Renego também das festas  
que trazem pouco proveito.  
Arrenego do direito  
que se vende por dinheiro...

e *Garcia de Resende* a *Rui de Figueiredo*, que lhe mandou perguntar se poderia pousar com ele em Almeirim:

Tenho as casas despejadas  
podeis vir quando quiserdes,  
de reposteiros armadas,  
e camas mui concertadas  
para vós, e quem trouxerdes.

(1) *José Joaquim Nunes — Crestomatia Arcaica*, pág. 272, 381, 396, e 406 *Cancioneiro da Ajuda* — Prefácio e notas do Prof. Marques Braga — Ed. da Livraria Sá da Costa.

Por serdes bem recebido,  
 trouxe no alforge pato  
 com pescoço mui comprido,  
 que faça mais aparato  
 que um Papa revestido...

Perdizes, capões, galinhas,  
 frangãos, rolas, e vitelas,  
 passarinhos de esparrelas,  
 pasteis, tortas, escudelas,  
 são viandas mui daninhas.  
 Tereis, senhor, ao jantar  
 vaca magra sem toucinho,  
 com seu quartilho de vinho,  
 com que possais jarrear,  
 e não me chamar mesquinho.  
 A' ceia da vaca fria,  
 rabão, queijo, e salada,  
 é comer que o corpo cria:  
 o mais é velhacaria,  
 e fazenda mal gastada...

Do *Condol-mor* a *Henrique de Almeida* sobre as  
 Cortes que o Príncipe D. João, estando seu Pai  
 (D. Afonso VI) em França, reuniu em Montemor-  
 -Novo, em 1477:

No mês de Janeiro,  
 e ano de sete,  
 na era que mete  
 dez sete primeiro,  
 em mór Monte novo  
 os povos se ajuntam,  
 respondem, perguntam.  
 Se o que cá passa  
 quereis lá sabê-lo,  
 não seja escassa  
 a mão escrevê-lo.  
 Mas pois o leteiro  
 (o) ponto não erra,  
 contará primeiro  
 o estado da terra.

A dois o vermelho,  
 não vale mais o branco,  
 a dez o coelho,  
 perdiz faz de ranco.  
 A vinte a galinha,  
 de graça mil frutos,  
 doze tendes curtos  
 aquela chinfrinha.



Lisboa que sonha  
no conde a lado,  
mordomo Noronha  
tambem deputado.  
Hi é Portimão,  
Alvito, Penela,  
Beringel comela  
que faz o sermão...

E ainda de *Fernão da Silveira* sobre a Repartição dos Bispados, que o Rei D. João deu em Sintra; e a *Garcia de Melo*, dando-lhe regras para se saber vestir e tratar o Paço:

Duas cousas que não calo  
há no Paço de seguir:  
uma é saber vestir,  
a outra saber tratá-lo.  
A quais ponho por escrito  
em estilo verdadeiro...

Ou de *Gonçalo Mendes «Çacoto»* a uma dama que ia para o Paço e lhe pedira alguma instrução do costume dele:

Formosura e fidalguia,  
herdeira de mil riquezas,  
sem nos meios de tal via  
se converta em vilania  
com outras muitas pobrezaas.  
Quando a dama não embica,  
e se conserva sem grosa,  
estem a graça que lhe fica:  
a mais pobre faz mais rica  
a mais feia mais formosa.

De *Garcia de Resende* a *Ruy de Figueiredo*, que estava determinado fazer-se frade... E muitas mais, destacando-se, pelo especial interesse histórico de pessoas e costumes e enredos da corte, os célebres «*porçs que foran achados no paço en Setuual no tempo del rrey dom Joam sem saberem quẽ os fez*».

Mais aproximadamente ainda quanto aos Motes, notaremos a frequência, no *Cancioneiro*, de se dirigim-

rem uns aos outros os Fidalgos-Poetas, como *Alvaro de Brito* a *Luís Fogaça*, vereador em Lisboa

Para os ares correntes  
desse çydade sayrem  
os devassos  
torpes feytos desolutos  
cumpre que logo se tyrem  
sem trespessos.

ou de *Álvaro Barreto* a *Álvaro de Almada* e a outros. *Gil Castro* a *Henrique de Almeida*, dando-lhe conselhos na sua ida a Castela

por nom levantar rrezões  
falar pouco depois de çea:

de *Francisco da Silveira*, Coudel-mor, a *Álvaro da Cunha*, que saira do Paço em magro rocim e com grande alforjada; do célebre Contador da Guarda *João Rodrigues de Castelo Branco* a *António Pacheco*, vereador em Lisboa, em que lhe diz como, na Beira, perto da serra onde habitam os pastores, do

petego, magro, coyado

se tornara robusto, disforme, beirão, e homem bom da terra, etc.

Conversas escritas que, por vezes, atingem o tom satírico, não raro livre, ao gosto do tempo, — *Cousas de folgar*. É *D. João de Menezes* a uma dama que a rufiava e beijava *D. Guiomar de Castro*, em que intervêm *Fernão da Silveira*, *D. Rodrigo de Castro*, *D. Pedro da Silva*; a de *Henrique de Almeida* à barguilha de *D. Guterre*, em que colaboram com novas cantigas o Coudel-mor, *D. Álvaro de Ataíde*, *João Correa*, *Fernão da Silveira*, e outros; de *Henrique da Mota* a *D. João de Noronha* e seu irmão *D. Sancho* por se terem ido confessar na metade do verão, levando o gordo Vigário de Óbidos: como viessem, depois, jantar ao lugar dos Giralδος não acharam vinho para beber... etc.

Algumas poesias são já torneios galantes dos Fidalgos-Poetas — «*O Cuydar, & Sospirar*» —, em que muitas entram com suas cantigas e trovas; ou quando *Fernão da Silveira* oferece brocado para

um jubão a quem fizer a melhor trova de louvor a D. Filipa de Vilhena, para o que aparecem vários concorrentes, como ao Coudel-mor Francisco da Silveira, quando pede lhe respondam a certa cantiga, o fazem não só nobres e poetas, como várias damas — *D. Filipa, Beatriz de Ataíde, Catarina Henriques, D. Urraca, D. Guiomar, D. Branca, D. Margarida Henriques, D. Juana de Melo, D. Margarida Furtado.*

São *Justas Reais* as que se realizam em Évora, pelo casamento do Príncipe D. Afonso, (que veio a morrer desastadamente), filho herdeiro de D. João II, com a Princesa D. Isabel de Castela. Os nobres apresentam-se com alegorias ou figurados e diz cada um seu significado simbólico, como *Pedro Homem*, que, em louvor da noiva, trazia a estátua de Vénus

Si esta gracia y hermosura  
puede darla  
de vos tiene de tomarla.

E *Garcia Afonso*, com a Lua

Ante la luz de su lumbra  
de vuesta gran claridad  
es la desta escuridad.

E em *Gil Vicente*? Temos de ouvir Mestre Gil, sempre moço, esperto e oportuno. A viva lição da sua obra magnífica é o requisito imprescindível neste desasado apêndice, o *licet*, para seguir na mesma traça das glosas anteriores.

Nas *Côrtes de Júpiter*, representada no Domingo 4 de Agosto de 1521, perante D. Manuel e a Corte, na véspera da partida da Infanta D. Beatriz para Saboia, Júpiter organiza-a e dispõe:

Partira esta alta esposa,  
no ponto de prea mar,  
com sua frota lustrosa,  
na conjunçam mais ditosa  
que lha podemos guisar.  
E ao desferir das velas  
faremos que vá também  
com todas mas donzelas,  
que ajam saudades delas,  
e elas nam de ninguem.

E por mais solenidade,  
e sua alteza folgar,  
sairám desta cidade,  
toda a geralidade  
dos nobres per esse mar.

. . . . .

E *Gracia de Resende*  
feito peixe tamboril;  
e inda que tudo entende,  
irá dizendo por onde:

Depois o Infante D. Luís, sabido em cisnes  
brancos, João de Saldanha, feito arenque da Alema-  
nha, o precioso Cardial, D. Fernando, Infante Belo,  
o Infante d. Henrique, em cama de arminhos a brin-  
car com dois anjinhos, *Diogo Fernandes*, porta do  
Cancioneiro,

*Tristam da Cunha* irá  
em congro da Pederneira,

o Estribeiro-mór, convertido em peixe mú e vá-  
rias damas.

Quando *O Velho da Horta*, em transe de mal  
penado amor senil, esmorece, logo a alcoviteria, so-  
licita, desfia a ladainha:

O' precioso Santo Arelhano  
martyr bem aventurado  
tu que foste marteirado  
neste mundo cento e hum anno;

ó *San Garcia*  
*Moniz*, tu que hoje em dia  
fazes milagres dobrados,  
da-lhe esforço e alegria,  
pois que es da companhia  
dos penados,

O' apostolo *San João Fogaça*  
tu que sabes a verdade,  
pela tua piedade  
que tanto mal não se faça.

Ó Senhor  
*Tristão da Cunha* Confessor,  
ó marty *Simão de Sousa*,  
polo vosso santo amor  
livrae o velho peccador  
de tal cousa.....

E as invocações prosseguem

Ó santa *Dona Maria*  
*d'Ataide*, fresca rosa  
 nascida, em hora ditosa,  
 quando Jupiter se ria . . . .

com o apelo a donas também.

Mas o exemplo mais frisante e corroborativo da tradição, em que falamos, ainda Mestre Gil é quem o dá nas « *Orações dos grandes de Portugal a N. Senhora, depois de enterrado ElRei* » (D. Manuel):

*O Duque de Bragança*  
 Senhora Virgem Gloriosa,  
 que leixaste sepultado  
 o verbo deificado  
 vestido de carne vossa,  
 do mundo desamparado  
 este vosso encomendado  
 Rei, que tanto vos queria,  
 que lhe dês tanta alegria,  
 como nos deixa cuidado  
 neste dia.

Resam, depois, o Mestre de Santiago, o Marquez de Vila Real, o Marquez de Torres, o Conde de Marialva, o Bispo de Évora, o Conde de Tentugal, o Conde da Feira, o Conde de Penela, o Conde de Alcoutim e o Conde de Portalegre.

E ainda, e finalmente, o « *Aqui diz o Autor o que cada hum dos Senhores de Portugal dirião ao beijar da mão* »:

diria mui humilhado  
 o senhor Duque de Bragança:  
 Alto Rei, nossa esperança,  
 deos que vos deu o reinado  
 vos dará sempre bonança.  
 Esta supita mudança  
 bem parece obra divina;  
 e com esta segurança  
 fazei que vossa balança  
 seja fina.

O Mestre de Santiago, o Marquez de Vila Real, a lagrimejar:

Governae polo antigo  
 que este posto está em p'riço;

O Bispo de Évora, o Conde de Marialva, o  
Conde de Penela

Sêde isento e liberal.  
provedor dos lavradores  
e pae dos povos menores.

Mais os Condes de Tentugal, da Feira, de Al-  
coutim, de Portalegre, de Vila Nova;

não ouçais mexeriqueiros,  
nem os que forem primeiros  
não vos façam ser irado,  
sem ouvir os derradeiros.

O Conde de Vimioso:

... Conselho-vos, Rei: meu senhor,  
por vossa honra e proveito  
que deis ao bom servidor  
antes renda que favor  
muito estreito.

O Conde Almirante, o Bispo do Funchal. É a  
vez do Regedor. Seguem-se os Vereadores. E por  
fim o Povo:

Diria o Povo em geral:  
bonança nos seja dada,  
que a tormenta passada  
foi tanta e tão desigual,  
que no mundo he soada.  
É pois que a mão vos he dada,  
fazei-nos sorte ditosa,  
e praza á Virgem gloriosa  
que guardeis esta manada  
como vossa. (1)

Desconfio, «tenho minhas aquelas» — como di-  
zem, de que a «manada povo», sempre que «a mão  
é novamente dada», no transcurso dos séculos, re-  
pete branda e suplicantemente a mesma impetração,  
ao passar de mais tormentas, sem que a «ditosa»  
como «sorte», lhe saia afinal jámais...

(1) Servi-me, como nas anteriores, das *Obras Comple-  
tas de Gil Vicente*, ed. Sá da Costa, com Prefácio e Notas  
do Prof. Marques Braga, vol. IV, pág. 234; V, pág. 161, e  
VI, pág. 207 e 217.